

MANUEL FARIA (1916-1983)

Manuel Ferreira de Faria nasceu em Ceide (Vila Nova de Famalicão) a 18 de Novembro de 1916. Foi o primeiro dos onze filhos de um casal rural, pobre em recursos materiais mas rico em sensibilidade. Foi no seio da sua família que o Manuel teve os primeiros contactos com a arte musical. Seu pai, embora não conhecesse o código musical, amava a música e incentivava quem o rodeava a cantar sempre que pudesse. Era quem afinava os instrumentos aquando da preparação do cantar dos Reis e, como contava uma das filhas, no tempo em que exercia as funções de caseiro, punha os jornaleiros a cantar pois “enquanto cantavam não falavam da vida alheia”.

Foi neste ambiente que Manuel Faria cresceu. Cedo mostrou desejos de estudar, fazendo dos livros seus constantes companheiros ou, pelo menos, em grande parte dos momentos em que não era chamado para ajudar nos trabalhos do campo.

Em 1928 deu entrada no Seminário de Braga onde, para além da sua preparação para o ministério sacerdotal, iniciou os seus estudos musicais, tendo por professores o Rev.º Padre Alaio e, mais tarde, o Rev.º Padre Brás.

Logo após a sua entrada no Seminário foi escolhido para integrar o grupo de meninos cantores, pois tinha uma linda voz de soprano. Escrevia um seu professor ao tio Padre que lhe custeava os estudos: “ *Quanto ao Manuel tenho boa impressão dele... Posso asseverar [...] que é inteligente e pode dar bom estudante. Se não colhe essa impressão das notas de todos os professores, é porque é ainda criança e há-de cabular o seu pouco. O Senhor Cônego Azevedo confirmou as minhas impressões, acrescentando somente que tem mau génio e tem-se pegado algumas vezes no recreio com os outros...*”.

Era na Música que Manuel se destacava de todos os outros alunos seminaristas, obtendo sempre as mais altas classificações. Com apenas 15 anos, assumia já o papel de organista “oficial” em várias ocasiões. A ideia, generalizada na época, de que, para um futuro padre, somente seria necessário possuir conhecimentos musicais básicos que permitissem ensinar uns cânticos e acompanhá-los ao harmónio foi sempre combatido pelo jovem seminarista, que dedicava muito do seu tempo ao estudo do piano e à leitura de tudo o que estava ao seu alcance sobre a arte da composição, o que acabava por provocar um certo descontentamento por parte de alguns dos seus professores.

Ordenado sacerdote em 1939, foi nesse mesmo ano para Roma frequentar o *Pontificio Istituto di Musica Sacra*. No final do primeiro ano de estudos nesse Instituto, que terminou com as mais altas classificações, foi chamado a Braga sob o pretexto da proximidade do início da guerra. Resistente, conseguiu regressar a Roma em Fevereiro de 1942, como Bolseiro do Instituto de Alta Cultura, para continuar os seus estudos com Licinio Refice, em Composição, Casimiri em Polifonia e Ferruccio Vignanelli em Órgão. Durante todo este tempo manteve a sua ligação ao Seminário Maior de Braga, onde tinha cativo o lugar de professor de Canto Gregoriano e Composição. Terminados os seus estudos, em Junho de 1944, foi-lhe conferido o

diploma de *Magisterio* em Composição Sacra com a classificação de *Summa cum laude probatus*, tornando-se, assim, no primeiro mestre português nessa área.

Ficou ainda em Roma durante o ano de 1945 a estudar particularmente com Licínio Refice, tendo sido convidado a preparar um concerto exclusivamente de música portuguesa, em cujo programa também figurassem obras suas.

Assim, a 20 de Novembro de 1945, Manuel Faria dirigiu o seu primeiro grande concerto, na *Aula Magna* do *Pontificio Istituto di Musica Sacra*. Nele tomaram parte o Coro da Radio Roma (RAJ), a cantora Susana Danco e o organista F. Vignanelli. A segunda parte do programa foi preenchida somente por obras da sua autoria, elogiosamente referidas pela crítica musical da imprensa romana nos dias que se seguiram ao evento.

De regresso a Portugal passou por França, onde ficou ainda algum tempo a fim de tomar contacto com a actividade musical francesa dessa época e cujos autores muito apreciava, com especial referência para Olivier Messian, compositor por quem a sua admiração era suplantada somente pela que nutria pelo trabalho de Igor Stravinsky.

Regressou a Portugal a 16 de Fevereiro de 1946, com a intenção de revolucionar a composição em Portugal, nomeadamente no campo da música litúrgica. Deparou-se, no entanto, com inúmeras dificuldades que passaram, inclusive, pela falta de emprego: aquando da sua estadia em Roma, contrariando o vínculo que o ligava ao seu lugar de professor no Seminário Maior, tinha sido substituído nessa função, restando-lhe o trabalho de professor de Canto Gregoriano no Seminário Menor, em Braga.

Para subsistir, percorreu as aldeias de todo o norte do País, de festividade em festividade, auxiliando os seus colegas párocos quer na pregação quer ensaiando pequenos coros populares litúrgicos. Pedagogo entusiasta, ia incutindo, por todas as freguesias por onde passava, o gosto pela música litúrgica e religiosa de qualidade, devendo-se a esse trabalho o início da notável reforma neste género musical em Portugal. Chamava, depois, alguns dos seus alunos para continuar o trabalho por si iniciado nas várias paróquias, o que teve como consequência o aparecimento de muitos coros litúrgicos por todo o noroeste do País, vindo alguns deles a revelar-se, mais tarde, como grupos de bastante qualidade.

A 17 de Maio de 1949, Manuel Faria fez a sua apresentação oficial como compositor em Portugal, num concerto preenchido exclusivamente por obras de sua autoria, sob a sua direcção, primeiro em Braga, durante as festividades da Semana Santa e, logo a seguir, no Palácio de Cristal, no Porto.

Também no estrangeiro a sua obra começou a ser conhecida:

Em 1956 foi estreada em Viena a sua *Missa Solene em Honra de Nossa Senhora de Fátima*, pelo Coro da Academia de Música Sacra de Viena, num concerto transmitido via rádio, com grande êxito. Esta mesma Missa foi, no ano de 2003, editada finalmente em CD pelo Instituto Portoghese S. Antonio in Roma, para celebrar a efeméride dos 20 anos da morte do compositor.

Em 1960 também as suas obras para orquestra passaram fronteiras, sendo executada a *Suite Minhota* em várias cidades brasileiras sob a direcção de Frederico de Freitas, grande

amigo e admirador de Manuel Faria e responsável por muita da sua produção para orquestra pelo entusiasmo que lhe inculuiu pela composição deste género musical.

Em 1961 obteve uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para ir para a *Accademia Musicale Chigiana* (em Siena, Itália) estudar com Vito Frazzi. Em Setembro desse ano preparou um concerto com obras suas, realizado naquela cidade, muito bem recebido pela crítica musical. Deslocou-se então a Roma a fim de trabalhar a técnica dodecafónica com Petrassi. No entanto, e com o término da bolsa, cuja renovação lhe foi negada, teve de regressar a Portugal, de donde não mais teve oportunidade de sair. Nem mesmo quando recebeu um convite de Higinio Anglés para, em 1964, ocupar o lugar de professor de Harmonia e Contraponto no *Pontificio Istituto di Musica Sacra* em Roma, uma vez que a Arquidiocese de Braga não lhe permitiu a acumulação.

Durante toda a sua vida sofreu de inadaptação: não era bem aceite como sacerdote por ser compositor e, no meio musical, a sua aceitação era sempre condicionada pelo facto de ser padre.

No entanto, a coexistência destas duas facetas foi o que permitiu que seja hoje reconhecido como, se não o maior, pelo menos um dos maiores responsáveis pela reforma da música litúrgica em Portugal. Em 1971 deu um novo impulso a esta renovação através da criação e difusão da "Nova Revista de Música Sacra".

Em Fevereiro de 1976, também por sua iniciativa, assistiu-se no norte do País a um movimento de Coros, alguns por ele dirigidos, que não mais deixou de estar vivo. O seu gosto pela música coral está patente na sua obra composicional, grande parte constituída por peças para coro "a capella".

Com a simplicidade de alguns dos seus temas aproximou-se do povo cantante, conseguindo transmitir-lhe a beleza da sua música que, por vezes difícil de cantar pela complexidade das harmonias utilizadas, é, no entanto, sempre compreendida e apreciada pela sua força expressiva e pela sua qualidade musical.

Debatendo-se havia já alguns anos com grande falta de saúde, faleceu a 5 de Julho de 1993, no Porto, no Hospital onde tinha sido submetido, dois dias antes, a uma intervenção cirúrgica.

Por mais variada que seja a obra de Manuel Faria no que respeita a géneros musicais, existem nela particularidades que a identificam como sua.

O seu trabalho como compositor dividiu-se entre a música de cariz religioso – a maior parte – e a composição profana, sendo a voz o instrumento de eleição. O impressionante catálogo das suas composições, que ascendem a mais de cinco centenas, inclui cerca de duzentas obras para coro *a capella*, mais de trezentas e cinquenta para coro e instrumento(s) e trinta para voz solista e instrumento(s).

Dentro de um estilo que reflete a influência da música tradicional minhota, compôs centenas de cânticos ao sabor popular, a uma ou duas vozes, com melodias simples e bem delineadas, embora com intervalos de grande amplitude. A inovação, neste campo,

transparece principalmente no arrojo das harmonias utilizadas para acompanhamento, normalmente para harmónio ou órgão.

Da sua obra sacra destaca-se um conjunto de Missas que reflete, melhor que nenhum outro grupo de obras, o desenvolvimento da sua mestria como compositor. Compôs dez Missas ao longo da sua vida, a primeira datada de 1938 e a última de 1978. Apesar da identidade do texto, não se encontra em nenhuma delas sombra de repetição musical.

A criação musical de Manuel Faria acompanha, na sua maioria, os contactos que vai estabelecendo com possíveis executantes.

Assim, as primeiras obras para coro *a capella* foram compostas para vozes masculinas, datando da época do seu trabalho intensivo com os seminaristas, mesmo antes assumir a Direcção da *Schola Cantorum*, enquanto que o desenvolvimento da sua obra coral profana para vozes mistas se deu, principalmente, a partir do momento em que seu irmão Francisco iniciou funções como Director Artístico do Coral dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1954.

Deste género musical, podem destacar-se várias obras sobre textos de escritores portugueses como Luís de Camões, Fernando Pessoa, Bocage e outros. A trama melódica das vozes traduz, com enorme força expressiva, o sentido dos textos que se cantam. Toda a obra coral deste compositor demonstra um profundo conhecimento das possibilidades da voz humana, levando a sua utilização até muito próximo dos limites das tessituras dos diferentes naipes. O carácter fortemente expressivo da sua linguagem resulta, em grande parte, de uma harmonia livre, com agregados sonoros que escapam à tradicional lógica estrutural dos acordes, situações que derivam, muitas vezes, de uma polifonia cujas melodias se desenvolvem simultaneamente em tonalidades diferentes. Quando a forma de escrita é mais vertical, esta politonalidade apresenta-se de forma franca e assumida. Trata-se, assim, da utilização de uma politonalidade natural, sempre ao serviço de um texto a que atribui a maior importância como guia expressivo no processo criativo-musical. A relevância da palavra, na última fase da sua vida, tornou-se ainda mais nítida, levando-o a uma escrita de carácter mais recitativo, como transparece nas obras “Amaremos” (1973) e “Estatutos do Homem” (1977).

Deste género musical destaca-se também a obra “Parábolas da Montanha”, para quatro vozes mistas, que valeu a este compositor, em 1972, o Prémio Nacional de Composição Carlos Seixas.

A sua admiração e amor pela figura materna estão patentes no carinho que transparece das escolhas estético-musicais para a composição de obras como “Embaló” – obra com base em canção de embalar tradicional minhota e em cujo manuscrito se encontra escrito: *À minha querida Mãe pelo muito amor com que me embalou em criança* –, ou “Maternidade” (obra para coro misto) ou ainda nos inúmeros cânticos dedicados à Virgem Maria.

O encontro com Frederico de Freitas levou-o a desenvolver alguma composição instrumental. Esta é predominantemente figurativa, aproximando-se mesmo da música programática, sem no entanto a atingir no seu sentido pleno, como se pode verificar nas suas obras para orquestra sinfónica “Suite Minhota”, “Imagens da Minha Terra” ou “Jacob e o Anjo”,

as duas primeiras editadas em CD pela Strauss, em 2000, numa reposição de gravações pertencentes aos Arquivos da Radiodifusão Portuguesa.

Em 1963 compôs, por encomenda da Câmara Municipal de Coimbra para os festejos do IX centenário da conquista daquela cidade aos Mouros, a sua única ópera, intitulada “Auto da Fundação e Conquista de Coimbra”, que foi estreada em Coimbra em Julho de 2004, durante as festividades daquela cidade pelo Choral Aeminium e pela Orquestra Filarmonia das Beiras.

Muitas vezes incompreendido pelos que o cercavam, sempre caminhou na direcção da concretização dos que considerava serem os objectivos da sua vida, com incontestável retidão e segurança no prosseguimento dos seus princípios, ultrapassando constantemente os inúmeros obstáculos que surgiam, sempre com uma força de vontade férrea.

Escrevia ele em 1955:

Tenho porém duas fortes manias: uma nasceu comigo – a música; a outra adquiri-a nas alegrias e tristezas duma vida obscura e insignificante mas intensamente vivida – o amor ao nosso povo e à nossa terra.

Coimbra, 2016

Cristina Faria